

*01 novembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Estávamos, Luiz e nossos filhos, numa cidade onde todos se vestiam de branco. Brincávamos com um jogo de letras e palavras. Quem tirasse um cartão que coincidisse com sua palavra, ganharia.

Meu marido foi o vencedor com a palavra "bandeja". Cristiane, serena, estava feliz.

*4 novembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Com meu filho João, conversavámos com um maquinista de uma composição férrea. Pedíamos corona para Cristiane, que a levasse à Fazenda. Encontrávamo-nos dentro de uma igreja.

*6 novembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Passei pelo sono, Cristiane passeava ao lado de Luciana, magra, pálida, mas feliz. Eu, preocupada por não saber como contar-lhe que morrera.

Luciana pedira se Cris poderia passar o dia em sua casa.

Meu marido, presente, quis dizer não, porém, lhe fiz um sinal aprovando.

- Pode ir, minha filha.

Tinha medo que, com uma recusa, ela fosse novamente. Depois, encontrei-me examinando uma casa, um sítio, onde amigas dormiam. Estava triste. Esse, o local onde passaríamos o São João, se Cris não tivesse partido.

Diário de Bênçãos

Primeira Mensagem

29 de novembro de 1980

Retornei a Uberaba.

Fui confiante que minha filha mandaria seu recado.

Faz pouco tempo de sua desencarnação, apenas cinco meses, um incentivo... a certeza da comunicação.

Com a maior emoção, em lágrimas de felicidade, recebo a primeira mensagem de minha filha Cris, pelas mãos benditas do médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, no Grupo Espírita da Prece.

O primeiro passo para um reencontro eterno de esperanças.

Agradeço a Jesus, ao Chico e a você Cristiane, pelas maravilhosas palavras.



Querida Mãezinha Vilma, abençoe-me.
O seu cansaço e a sua expectativa nos comovem.
A querida vovó Olímpia me trouxe até aqui para este encontro. Comunica-me que devo explicações à querida família, o que tento articular nestas folhas escritas.
Sobretudo, é a tranqüilidade ao seu carinho, ao meu pai, aos irmãos, ao Páulinho e aos familiares que me cabe promover.

Mãe querida, não se aflijá por mais tempo. Rogo-lhe. O que sucedeu foi o inevitável.

Vendo-me com a Virna e conversando sobre festas joaninas, repentinamente lembrei-me de que pretendia guardar alguns enfeites no móvel em que estava a arma do irmão.

Sem a menor idéia de que o perigo nos cortejava, retirei-a, ou melhor, procurei retirá-la cuidadosamente do lugar em que se mantinha.

Inábil qual me vi, não sei de que modo certa parte da arma tocou no móvel e o projétil foi arremessado sobre mim. Arrasada de susto e ainda desconhecendo que consequências poderiam sobrevir da ocorrência, estirei-me às pressas no leito rente a nós e, sinceramente, não sei de que maneira larguei a arma ou deixei-a em qualquer lugar, porque a intenção de acolher-me no leito foi meu propósito dominante.

Era inútil gritar por socorro, porque as forças não davam para isso. Notava a aflição da companheira que não tivera participação alguma no episódio infeliz, entretanto, nem mesmo dirigir-lhe a palavra estava em meus recursos, porque a voz esmorecera na garganta e um abatimento estranho me dominou todas as energias.

Não sei se aquilo foi morrer ou dormir, desmaio ou repousó...

A única recordação que me ficou foi a certeza de minha impossibilidade para qualquer reação...

Tenho a idéia de que o acontecimento se verificou numa sexta-feira e que os meus derradeiros assuntos se ligavam às comemorações joaninas...

Penso que com este depoimento estou desempenhando um dever de que não posso me afastar.

Ignoro o que terá dito a nossa Virna sobre o caso, mas penso que qualquer desorientação da parte dela será claramente natural, porque nem eu própria conseguirei minudenciar o trajeto de tão poucos centímetros entre o meu impulso de remover a arma e receber o impacto de que me vi objeto.

Ficarei muito grata com os esclarecimentos que possam ser transmitidos ao meu pai, ao João, ao Luiz, ao Ageu e ao Paulinho, pois não desejo que venha a pairar qualquer dúvida tendente a incriminar uma companheira de quem sempre recebi os melhores momentos de confiança e amizade.

Rui Barbosa está longe espacialmente falando, mas estamos perto da verdade e a verdade é o que procuro comunicar ao seu devotamento de Mãe.

Se errei, procurando modificar algo no móvel, peço me perdoem.

Deus permitirá que a paz se sobreponha a todos os detalhes da ocorrência para que as minhas informações consigam fazer a serenidade de que todos necessitamos.

Querida mamãe, ainda não consigo ser mais explícita.

Ainda assim, me reconheço reconfORTADA com a possibilidade do desabafo que me alivia.

Saudades são muitas, no entanto, a sede de paz em auxílio de nós todos é a nota predominante dos sentimentos que me tomam o coração.

Agradeço, querida mamãe, tudo o que consiga fazer para auxiliar-me, no sentido de clarear a situação e envio, por seu intermédio, as minhas lembranças a todos, com todo meu amor à Vovó Dulcina aqui conosco.

Não estou escrevendo sozinha porque não conseguiria dispor de meios para me exprimir, como quem telegrafa.

Vovó Olímpia e aquele amigo que se me fez conhecido e estimado por Vovô Lourenço, com outros amigos, nesta hora me amparam os pensamentos e a mão a fim de que me expresse com verdade e clareza.

Com o meu reconhecimento por suas lágrimas que têm sido igualmente minhas, e por suas orações das quais compartilho, peço à sua bondade receber todo o carinho e toda a gratidão de sua filha

Cristiane

*08 dezembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

*Estive com três freiras.
Uma delas fitava a foto de Cristiane e dizia ter sido sua professora.
Na foto Cris estava ao lado de minha mãe.*

*09 dezembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Cris havia voltado para casa. Pensava levá-la a um médico especialista para tratamento. Assim, ficaria curada e não mais partiria. Como se tivesse desencarnado por doença.

*12 dezembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Meus pais nos visitavam aqui na Bahia e estávamos num passeio à beira-rio.

Os filhos pequenos, Cris corria, divertindo-se, feliz, ao lado do avô.

As máquinas fotográficas das pessoas eram colocadas dentro dos olhos, para as fotos, e algumas carregavam remédios contra cobras. Há tempos, havia uma sucuri naquele local investindo contra as pessoas.

*13 dezembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Em casa, uma prima de mamãe dialogava com sua

filha e uma senhora, sobre Cris. Era ótimo saber que ela não se suicidara.

Comecei a chorar. Entrou na sala um jovem muito simpático com a Bíblia em suas mãos e leu-me um trecho, consolando-me.

– Não se desespere mais, morrer não significa acabar, sua filha vive num mundo melhor.

*15 dezembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Juntamente com Cristiane, numa escola, estava eu. As classes, algumas completas, os alunos andavam no alto. Outros, os víamos sentados numa escada.

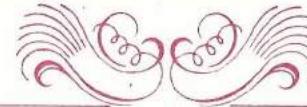
Perguntei à Cris o porquê de estarem ali sentados. Respondeu-me que ainda não tinham condições de freqüentar aquelas aulas. De onde estavam ouviam as matérias e, quando estivessem preparados, iriam para uma das classes.

Cristiane estava tal qual era. Mostrou-me sua sala de aula, onde havia poucos alunos e explicou-me que a pequena quantidade era por serem recentes naquela escola. Com o tempo mudariam de classe.

Acordei como se fora verdade.

*18 dezembro 1980
Rui Barbosa - Bahia*

Com minha mãe e Cristiane, num casarão tipo hospital, passávamos por uma enfermaria onde havia diversas senhoras com o corpo coberto de chagas. Depois, numa exposição de quadros, na parede, vimos um de madeira com a inscrição:



Cris... Cris... Cris... Cristiane

Sempre amei você.

Rio de Janeiro

Mamãe impressionou-se com o quadro. Achou-o lindo. Pensei mandar fazer um igual e colocá-lo na sala de casa

Cristiane pediu-me que a deixasse passar uns dias na casa do tio Veimar. Aprovei, mas antes que pedisse ao papai. Nessa mesma noite, ainda em sonho, Luiz, em seu almoço, comentava que a comida estava mais gostosa, mas cheirava a éter, o que lhe respondi:

- Não se preocupe, o que você come é o prato preferido de Cris, o éter marca a sua presença entre nós.

22 dezembro 1980

Rui Barbosa - Bahia

Estava dormindo com a gostosa sensação de paz. Nítida impressão de Cristiane estar dormindo abraçada a mim, enlaçando-me o pescoço. Seus cabelos, presos, irradiavam luz.

23 dezembro 1980

Rui Barbosa - Bahia

Em determinada casa, solicitei que chamassem a Cris. Apareceu ao lado de um rapazola. Preparavam-se para disputar uma partida de tênis. Indaguei-a:

- Cris, vamos comigo, o pessoal quer cumprimentá-la pelo Natal.

- Ah! mamãe, vá você.

Quero ficar aqui, está muito bom.

Voltou e adentrou a casa sorrindo.

Natal Chegando

A tristeza novamente.

Apesar das provas de sobrevivência que eu tivera, balançava meu coração não aceitando a ausência.

Natal é data marcante, principalmente para as famílias saudosas e entristecidas recentemente.

A vitória sobre a dor é lenta.

Orei muito a Jesus e à Cris que me assistissem para suportar esse primeiro Natal de ausência.

Foi uma data diferente.

Conheci a alegria de um sorriso na doação do coração ao semelhante necessitado.

Foi um verdadeiro Natal.

Na doação senti

a constante participação de Cristiane, imaginando suas mãos dentro das minhas.